



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO
CURSO DE JORNALISMO

SÓ ELAS SABEM
Podcast sobre saúde da mulher

LETÍCIA DANTAS CÂNDIDO BRITO

Campo Grande
JUNHO / 2024

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



Serviço Público Federal
Ministério da Educação
Fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul



SÓ ELAS SABEM
Podcast sobre saúde da mulher

LETÍCIA DANTAS CÂNDIDO BRITO

Relatório apresentado como requisito parcial para aprovação na disciplina Projeto Experimental II do Curso de Comunicação Social com habilitação em Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul.

Orientador(a): Profa. Dra. Katarini Miguel

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



ATA DE DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Título do Trabalho: "Só elas sabem"

Acadêmicos: Letícia Dantas Cândido Brito

Orientador: Katarini Giroldo Miguel

Data: 18/06/2024

Banca examinadora:

1. Taís Marina Tellaroli Fenelon
2. Evelise Moraes Couto

Avaliação: (X) Aprovado () Reprovado

Parecer: O projeto cumpre o propósito de informar sobre saúde da mulher com qualidade; merece ser aprovado e continuado.

Campo Grande, 18 de junho de 2024.

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Laura Seligman, Professora do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 09:09, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

NOTA
MÁXIMA
NO MEC

UFMS
É 10!!!



Documento assinado eletronicamente por **Katarini Giroldo Miguel, Professora do Magistério Superior**, em 25/06/2024, às 14:49, conforme horário oficial de Mato Grosso do Sul, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufms.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **4893598** e o código CRC **63D53887**.

FACULDADE DE ARTES, LETRAS E COMUNICAÇÃO

Cidade Universitária, s/nº - Bairro Universitário
79070-900 - Campo Grande (MS)
Fone: (0xx67) 3345-7607 <http://www.ufms.br>
<http://www.jornalismo.ufms.br> / jorn.faalc@ufms.br



SUMÁRIO

Resumo	4
Introdução	5
1. Atividades desenvolvidas	7
1.1 Execução	7
1.2 Dificuldades encontradas	9
1.3 Objetivos alcançados	10
2. Suportes teóricos adotados	11
2.1 Jornalismo, saúde e representatividade de temáticas femininas	11
2.2 Saúde da mulher no Brasil	13
2.3 Podcast como mídia abrangente	15
Considerações finais	17
Referências	18
Apêndice	22



RESUMO

O podcast “Só elas sabem” aborda a temática da saúde feminina em três episódios. Cada episódio traz uma doença tipicamente de mulheres cisgênero sendo câncer de mama e do colo do útero, endometriose e fibromialgia. As doenças foram abordadas por meio de relatos pessoais de mulheres que tiveram diagnósticos. O principal objetivo dessa série de podcasts é a conscientização por meio do relato pessoal, de modo que as fontes especialistas foram trazidas em segundo plano, assim como os dados científicos. O produto está disponível em <https://open.spotify.com/show/0HwiV2f6jqGCQ16JySnRf0>.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Jornalismo de saúde; Podcast; Saúde da Mulher



INTRODUÇÃO

As mulheres, atualmente, são mais de 50% da população brasileira. Há aproximadamente 108,7 milhões de mulheres no Brasil (IBGE, 2021). Elas vivem, em média, sete anos a mais do que os homens (IBGE, 2019). Mas como é a qualidade de vida desse público que é majoritário em nosso país? Essa questão está diretamente ligada à saúde da mulher, desde o conhecimento de doenças recorrentes neste público, até o diagnóstico e tratamento.

O histórico do cenário da saúde da mulher no Brasil é amplo. Na década de 1980 houve um crescimento de interesse pelo tema, tanto em espaços acadêmicos como em movimentos sociais (Leite; Paes, 2009). Uma das respostas governamentais a essa tendência foi a criação do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM) em 1983. O programa buscava contemplar a saúde reprodutiva, planejamento familiar, prevenção ao câncer de mama e cervicouterino e doenças sexualmente transmissíveis (Galvão; Díaz, 1999).

Porém, o PAISM não foi implementado de maneira efetiva no país por se distanciar conceitualmente da realidade. Fatores culturais, políticos, econômicos que permeiam o Brasil são alguns dos pontos que prejudicaram a efetivação do programa (Leite; Paes, 2009). Além disso, o olhar para a mulher como instrumento de reprodução foi, e é, um fator limitante para questões de saúde feminina.

De fato, diversas doenças comuns em mulheres podem afetar sua fertilidade e capacidade de reprodução, como é o caso, por exemplo, da endometriose (Vila; Vandenberghe; Silveira, 2010), da síndrome dos ovários policísticos (De Carvalho, 2018) e do câncer do colo do útero (Campos, 2019). Mas a infertilidade é apenas uma das consequências que essas doenças podem causar.

A desigualdade enfrentada no acesso aos cuidados, a falta de informação e conscientização sobre questões específicas e os estigmas sociais relacionados a certas condições (Botton; Cúnico; Strey, 2017) são alguns dos desafios que mulheres enfrentam em relação à sua saúde. Tudo isso estimula a necessidade de se falar sobre este tema.



Este projeto experimental é um produto jornalístico, a série de podcast “Só elas sabem”, que aborda a saúde da mulher cisgênero¹ em três episódios com duração, em média, de 20 minutos, tratando especificamente de quatro doenças que são predominantemente manifestadas nelas: o câncer de mama, o câncer de colo de útero, a endometriose e a fibromialgia.

Entre minhas motivações para elaboração desse produto, destaco a importância de meios jornalísticos abordarem questões, sobretudo informativas, acerca de saúde; a necessidade da representatividade de temas femininos no cenário jornalismo-saúde; e o formato podcast pela facilidade de acesso, aliada com um certo tom de informalidade concedido pelo formato ‘conversa’ que pode gerar mais adesão do público.

Os podcasts estão disponíveis em <https://open.spotify.com/show/0HwiV2f6jqGCQ16JySnRf0>.

¹ “Cisgênero é utilizado para definir a pessoa cujo gênero está em concordância com o sexo biológico” Disponível em: <https://emergemag.com.br/o-que-e-cisgenero-e-como-nao-confundir-com-transgenero/>. Acesso em 07 jun. 2023



1- ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

A elaboração do “Só elas sabem” começou no primeiro semestre de 2023, durante a disciplina de Pesquisa em Jornalismo, por meio do desenvolvimento do Projeto de Pesquisa. Após a parte teórica elaborada com pesquisas, sobretudo científicas, acerca das temáticas de jornalismo de saúde, saúde da mulher e podcast, iniciei a busca por fontes e escrita dos roteiros. Depois, foram realizadas gravações em estúdio, e a montagem dos episódios foi feita por edição com o software Audacity.

1.1 Execução:

Logo após a elaboração do projeto para desenvolvimento desse produto jornalístico, procurei a professora do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Katarini Miguel, a fim de receber orientação para desenvolvimento do projeto experimental. O primeiro passo foi a definição de quais doenças seriam tratadas e em quantos episódios.

Após essa etapa, iniciei a escrita dos roteiros. O roteiro foi feito principalmente com informações que seriam narradas como contextualização das doenças, principais sintomas, estatísticas brasileiras, entre outros. Um dos objetivos era o de trazer certo tom de informalidade aos episódios, por isso, elaborei algumas perguntas iniciais para as fontes, mas que variaram de acordo com a gravação. Como a meta era trazer os relatos pessoais como principal fonte de conscientização, as perguntas para fontes especialistas, neste caso as médicas, foram elaboradas após a gravação com as fontes-personagens de modo a ser um complemento aos testemunhos. Os roteiros estão disponíveis na seção apêndice deste relatório.

Em seguida, foi realizada a escolha das fontes. Esse processo foi muito singular pois já havia decidido que optaria exclusivamente por fontes femininas. A escolha foi baseada em dois fatores: temática e aproximação. Por se tratar de doenças exclusivamente de mulheres cis, com exceção da fibromialgia que em poucos casos pode ocorrer em homens, as fontes-personagem teriam que ser mulheres uma vez que o requisito era ter enfrentado alguma das doenças.



Em relação às fontes especialistas, ser uma voz feminina perpassando informações clínicas gera a sensação de aproximação com o público-alvo, que também são mulheres. Essa escolha de fontes femininas conversa diretamente com a escolha do nome do podcast “Só elas sabem”, afinal a experiência, em muitos casos, se torna fundamental para compartilhar conhecimentos sobre uma temática.

Ainda sobre a escolha das fontes, uma das motivações para essa produção é a possibilidade de unir jornalismo e saúde, especificamente saúde da mulher; por ser mulher e conviver com diversas mulheres que enfrentam, ou já enfrentaram ao menos uma destas doenças. Em uma conversa com a professora Katarini, acerca dessa busca de fontes, ela relatou sua história pessoal com a endometriose.

Foi a partir desse relato que decidi trazê-la como fonte-personagem no episódio 2, juntamente com a jornalista e egressa do curso de Jornalismo da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Tainá Jara. Foi nessa mesma conversa que o nome da jornalista e também professora do curso de Jornalismo da UFMS, Laura Seligman, surgiu para trazer sua experiência com a fibromialgia, no episódio 3.

Em relação às fontes do episódio 1, em uma conversa sobre a temática do meu projeto com a minha mãe, a mesma falou de uma amiga que havia tido o diagnóstico de câncer de mama, a servidora pública Marivania Dell. A outra fonte participante deste episódio, Wanina Brito, diagnosticada com câncer de colo do útero, é uma amiga pessoal.

A proximidade com as fontes, ao invés de um empecilho, conversa diretamente com a motivação citada acima, de trazer um tom de aproximação e informalidade. Acredito que a contribuição de fontes-personagens com seus relatos pessoais acerca de experiências vividas em momentos como descoberta, tratamento e recuperação, pode suscitar aceitação do público ao produto, podendo promover mais empatia e espelhamento dos ouvintes, o que raramente acontece com informativos e campanhas médicas.

Acerca das fontes especialistas, entrei em contato com a médica ginecologista Mariana Medina presente nos episódios 1 e 2, pois já havia tido a oportunidade de entrevistá-la em outras reportagens desenvolvidas durante a graduação, e o seu viés humanizado acerca das doenças ginecológicas era algo que poderia conversar muito bem com o contexto do podcast. Já a médica



reumatologista Licia Mota, no episódio 3, foi uma indicação devido a sua especialidade e seu reconhecido e extenso *curriculum lattes*, ela faz parte do corpo médico do Hospital Universitário de Brasília, é membro efetivo da Sociedade de Reumatologia de Brasília e da Liga Pan-Americana de Associações de Reumatologia (PANLAR).

Após a definição das fontes e escrita dos roteiros, entrei em contato com as fontes-personagem e marquei a gravação dos episódios. Todos os episódios foram gravados no estúdio do laboratório de radiojornalismo da UFMS. Em relação às médicas, como seriam trazidas apenas como complementos, as gravações em estúdio não se tornaram necessárias, sendo que as entrevistas foram feitas à distância.

A seguir, iniciei a edição dos episódios no software Audacity. Devido a disciplina de radiojornalismo cursada na graduação, eu já tinha conhecimento prévio do software, o que facilitou o processo de edição como nivelção do áudio, cortes, adição de trilha sonora e dos áudios das fontes especialistas. A trilha sonora foi escolhida na biblioteca de áudio do Youtube, por ser gratuita e livre de direitos autorais.

Os episódios editados foram publicados na plataforma de áudio Spotify, com as imagens de capa produzidas por mim através da plataforma online de design e comunicação visual, Canva, nas dimensões 1500 pixels X 1500 pixels. Tanto os episódios quanto as imagens, estão disponíveis na seção apêndice deste relatório.

1.2 Dificuldades Encontradas

A primeira dificuldade encontrada foi o adiamento do início da produção desse podcast. A princípio, começaria no segundo semestre de 2023 com a elaboração das pautas. A previsão de entrega e defesa era novembro de 2023. Porém, como teria que cumprir duas disciplinas no ano de 2024, optei por adiar e executar o projeto neste ano.

Outra dificuldade foi conseguir uma médica reumatologista para participar do terceiro episódio. Como a minha prioridade eram mulheres, isso por si só já diminui o quadro de opções. Encontrei uma médica pelo Instagram, e ao entrar em contato,



fui informada de que ela estava em licença-maternidade, e por isso, me indicaram outro nome.

Com essa segunda médica, não obtive resposta, mesmo após três tentativas de contato para o convite de participação. Por fim, consegui por meio da orientadora desse projeto, o contato da médica Licia Mota que prontamente respondeu ao meu contato e aceitou contribuir.

A última dificuldade foi no processo de edição. A gravação do segundo episódio teve mais de 40 minutos, apenas de conversa com as fontes-personagens. Como o objetivo era que os episódios tivessem duração entre 20 e 25 minutos, foi muito difícil chegar nesse tempo e manter as falas mais interessantes.

1.3 Objetivos Alcançados

O objetivo de criar um podcast que promova a conscientização a respeito de doenças que acometem mulheres cisgênero, estimulando na prevenção por meio de acompanhamento médico e diagnóstico precoce foi alcançado.

O primeiro objetivo específico, levantar dados históricos e estatísticos sobre as doenças abordadas para produção de roteiro dos episódios, também foi alcançado, sobretudo os estatísticos. Em todos os episódios, tanto a introdução quanto a finalização, contam com esses dados.

O seguinte objetivo específico, descrever etapas clínicas como sintomas, diagnóstico e tratamento por meio de entrevistas com médicas especialista, foi cumprido, e complementado com os relatos pessoais que também trouxeram experiências individuais sobre cada uma dessas etapas.

Por fim, o objetivo de relatar a experiência de mulheres que foram acometidas por doenças ginecológicas para concretizar os ensinamentos sobre o assunto, foi atingido satisfatoriamente, uma vez que as histórias dessas mulheres são a parte principal dos episódios.



2 SUPORTES TEÓRICOS ADOTADOS:

2.1 Jornalismo, saúde e representatividade de temáticas femininas

O jornalismo se reflete na sociedade em muitos âmbitos. Algumas das áreas de atuação para um jornalismo especializado, por exemplo, podem ser: meio ambiente; gênero; esportes; moda; enfim, inúmeras possibilidades. Aqui, será destacada a intersecção entre jornalismo e saúde.

Podemos dizer que uma das características, e possivelmente um dos seus principais objetivos, do jornalismo científico com foco em saúde, é a propagação, de maneira facilitada, de informações que levam por base o discurso científico (Oliveira *et al*, 2009). Essas informações, em geral, são passadas por meio de notícias e reportagens em editoriais específicas de jornais, programas telejornalísticos, revistas, sites, redes sociais, entre outros (Langbecker *et al*, 2018).

Entretanto, observamos a recorrência de assuntos que se tornam redundantes pela frequência e maneira como são tratados. Essa é uma consequência dos conceitos de 'saúde-doença', que são baseados em políticas públicas de saúde e cobertos jornalisticamente, vistos frequentemente ao se tratar de doenças endêmicas (Kucinski, 2000).

A informação jornalística sobre saúde é rodeada de papéis sociais, políticos e de valores acerca da prática efetiva da cidadania. Kucinski (2000, p. 185) aponta

A concepção desse novo direito de cidadania ativa, no campo da saúde, confere à informação jornalística sobre saúde, sobre políticas públicas e terapias de saúde, um valor político na esfera da cidadania, além de seus valores pedagógicos tradicionais em campanhas sanitárias e na medicina preventiva, ou de seu entendimento como "jornalismo de serviço". Por extensão, tornam-se objetos privilegiados de cobertura jornalística, vigilância e crítica, as políticas públicas de saúde dirigidas a grupos populacionais, como as campanhas de prevenção da aids ou de detecção do câncer da mama.

A junção de duas áreas tão relevantes, jornalismo e saúde, precisa e pode promover um diálogo de forma eficaz, abrangente e assertivo. Isso se torna possível mediante a uma boa análise de evidências e dados propostos por entidades, sejam



governamentais ou não, aliado à percepção de como transmitir essas informações. Oliveira *et al* (2018, p. 8) demonstram que “o alcance de uma descoberta, a precisão dos dados, a coerência e consequência das informações para cada segmento da população deveriam, portanto, constar nos textos jornalísticos sobre saúde”.

Para analisar a importante especialização do jornalismo em saúde da mulher e a representatividade feminina nessa área, é preciso primeiramente analisar qual o papel que a figura da mulher ocupa na mídia. Com a industrialização e a inserção da mulher no mercado, surgiu no século XVII, a chamada ‘imprensa feminina’, que tinha como principais temáticas assuntos de relacionamento e moda, com anúncios dirigidos especificamente para mulheres (Feldmann, 2015).

Feldmann (2015) descreve brevemente como essa imprensa se desenvolve, a partir de periódicos exclusivos para esse público, seguido do surgimento de revistas como ‘Marie Claire’ e ‘Claudia’, que por sua vez investem suas ferramentas no desenvolvimento de uma linguagem de persuasão, aliado a temas com viés publicitário, e estratégias como fotos, posição do texto e escolha da formatação.

Buitoni (1990), comentando sobre saúde no início da comunicação impressa feminina, ressalta que o principal objetivo não era instruir a mulher sobre as principais mazelas sofridas pela época, mas sim informar a mãe responsável e dedicada sobre como cuidar de seus filhos e de sua família e preveni-los das doenças comuns. (Feldmann, 2015, p. 25)

Um exemplo interpretativo e didático comumente empregado nas mídias é o uso de desenhos, preferencialmente recorrido por ser menos agressivo e chocante. Por exemplo, utiliza-se o recurso para a temática do autoexame das mamas; porém, não se mencionam os tipos de cirurgia existentes, quais e onde serão os cortes, em quais casos é necessário retirar toda a mama ou como reconstruir os seios, planos de saúde, leis e direitos etc. (Feldmann, 2015, p. 26)

Feldmann (2015, p.25) também aponta o papel em que a mídia, dentro de um aspecto de cultura de massa, tem tido em relação a temática da saúde feminina,

Embora apareçam comumente na indústria cultural, as divulgações sobre saúde são anúncios e matérias que, em grande parte, direcionam-se à venda de cosméticos, tratamentos diversificados e terapias milagrosas. Ao sonegar informações importantes, de caráter preventivo, em detrimento dos novos aparelhos cada vez mais



sofisticados e das técnicas mais modernas, a mídia deixa de cumprir seu papel de oferecer decisões com consciência.

Portanto, observamos a perpetuação da ideia de saúde da mulher vista apenas no âmbito reprodutivo e materno. Conteúdos sobre saúde com recorte de doenças, tratamentos e prevenções podem não condizer com a chamada 'imprensa feminina'.

2.2 Saúde da mulher no Brasil

É a partir dos anos 1980 que debates e ações acerca do tema da saúde da mulher no Brasil podem ser percebidos por meio de ações como a criação, em 1983, do Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM); da Conferência Nacional de Saúde e Direitos da Mulher, realizada em 1986; e até mesmo pela Carta das mulheres brasileiras aos constituintes, publicada em 1987.

Essas são ações que destacam, de certa forma, o papel político, social e econômico que a defesa e luta por uma saúde de qualidade para o público feminino representa. "Não é possível desvincular a ação pela saúde das reivindicações econômicas, trabalhistas e políticas. A emancipação feminina transcende o setor de saúde e se define como a união de direitos em todos os aspectos sociais" (Feldmann, 2015, p. 18).

Mas, a saúde feminina é abordada quase exclusivamente devido a um fator: capacidade reprodutiva e taxas de natalidade. Machin et al. (2011) apontam a limitação imposta acerca do corpo feminino: "Um corpo visto, prioritariamente, a partir da sua capacidade de gestação e não por meio do reconhecimento da mulher como um sujeito de direitos, necessidades e individualidade" (*apud* Botton, Cúnico e Strey, 2017, p. 68).

Porém, para além de questões férteis, a saúde da mulher adquire papel de protagonismo em campanhas, como é o caso do 'Outubro Rosa' que promove a conscientização acerca do câncer de mama, estimulando o diagnóstico precoce, ou no caso de campanhas de vacinação contra o HPV (sigla em inglês para Papilomavírus Humano) causador do câncer de colo de útero. Essa é uma perspectiva interessante, porém não deixa de ser limitante ao excluir desse cenário



de atenção doenças como fibromialgia e endometriose, por exemplo, que são tão comuns quanto às citadas anteriormente.

De fato, uma doença como a fibromialgia (FM) não apresenta tanto risco à vida quanto a incidência de um dos tipos de câncer. Porém, é uma doença reumatológica que tem diversos sintomas, sendo o mais citado a dor difusa, mas que pode ser acompanhado, por exemplo, de fadiga, distúrbios do sono e rigidez matinal (Heymann; Souza, 2017). Esses sintomas afetam diretamente a qualidade de vida da mulher, que pode ser mais uma vez estigmatizada como histérica ou exagerada.

O preconceito sofrido por mulheres com fibromialgia pode se atrelar ao fato de que não há um exame específico para a sua detecção, juntamente com a variedade do quadro clínico entre as mulheres que são acometidas. “O diagnóstico da FM é baseado no julgamento clínico e variável com a experiência de cada médico.” (Heymann; Souza, 2017, p. 468).

A endometriose (Vila; Vandenberghe; Silveira, 2010), e a síndrome dos ovários policísticos (SOP) (De Carvalho, 2018) realmente tem relação com a fertilidade da mulher. Porém, o que há de ser evidenciado não é apenas isso, mas as decorrências sociais, e até mesmo emocionais, que essas condições podem gerar.

Vila, Vandenberghe e Silveira (2010) elencam a insegurança, ansiedade, tristeza e medo como os principais sentimentos de pacientes portadoras de endometriose a partir do diagnóstico. Cabe o questionamento: poderia o jornalismo, por meio das mídias, ajudar de alguma maneira a mudança desses sentimentos? Possivelmente, ao divulgar não apenas a doença, mas também suas formas e possibilidades de tratamento, poderiam contribuir para esse aspecto.

[...] 31 mulheres relataram bem-estar como sentimento predominante ao enfrentar o tratamento; 5 se sentiam fragilizadas, mas apenas uma referiu a vivência como conclusivamente negativa. O sentimento positivo em relação ao tratamento está em contraste com o impacto negativo ao receber o diagnóstico. (Vila; Vandenberghe; Silveira, 2010, p. 222)



2.3 Podcast como mídia abrangente

O que é um podcast? Segundo Lopes (2015, p. 14) “podcasts são programas de áudio ou vídeo, cuja principal característica é um formato de distribuição direto e atemporal chamado *podcasting*”. O *podcasting*, por sua vez, é uma forma de transmissão de mídia via *Feed RSS -Real Symple Syndication* (ASSIS, 2010).

Ao falar sobre o formato midiático podcast é importante ressaltar que seu surgimento não foi em decorrência, ao menos direta e exclusivamente, de uma demanda jornalística.

Segundo Lopes (2015, p.15) o podcast surgiu no ano de 2004, criado por Adam Curry. Já o nome foi sugerido por Bem Hammersley, no jornal *The Guardian*. “Essa forma de transmitir dados passou a ser chamada de podcasting (junção do prefixo ‘pod’, oriundo de iPod, com o sufixo ‘casting’, originado da expressão “*broadcasting*”, transmissão pública e massiva de informações)” Algumas das características do podcast que o diferenciam em relação a outros formatos radiofônicos, são: atemporalidade, visto que o conteúdo produzido; disponibilidade; flexibilidade; engajamento e propiciação a um receptor ativo, o que pode favorecer a efetividade de absorção do conteúdo. Padilha (2020, p. 05) descreve pontos que fazem esse formato se diferenciar do tradicional rádio:

Superficialmente podemos incluir na discussão os aspectos comerciais do mesmo, onde não há necessidade de criação de blocos publicitários, a duração variada de acordo com cada episódio, a possibilidade de consumo para ser ouvido a qualquer momento mediante download e em qualquer lugar podendo, inclusive, ser pausado e relacionado do ponto demarcado entre outros aspectos.

Assis (2010) traz os conceitos de *pull*, quando o usuário tem que ir até o arquivo que deseja escutar e baixa-lo, e *push*, quando o usuário recusa ou perde aquele arquivo/conteúdo, muitas vezes acontecendo de forma involuntária. O ‘serviço’ do agregador, por exemplo o *Feed RSS*, é baixar esse conteúdo automaticamente, evitando o processo de *pull* e *push*.

Entretanto, Assis (2010, p. 04) destaca que “ainda reconhece-se o podcast como um sistema de *pull*, pois por mais que o arquivo seja baixado automaticamente, o assinante pode escolher como e quando acessar seu conteúdo”.



Esse processo destaca a característica do receptor ativo, que escolhe 'ir até o conteúdo'.

É relevante também citar o cenário brasileiro de consumo deste formato. Segundo pesquisa² feita em 2022 com dados da *Statista*, plataforma alemã de coleta de dados, e IBOPE (Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística), o Brasil possui, aproximadamente, 30 milhões de ouvintes e, mundialmente, está em terceiro lugar como país que mais consome podcasts.

Em relação às plataformas mais utilizadas, o Spotify atrai a maior parte do público, seguido da Apple Podcasts e Google Podcasts.

Trinca e Figueiredo (2022, p. 04), trazem diversos autores na tentativa de delimitar formatos e características do podcast, e definem:

A estrutura do episódio parece se misturar com seu objetivo ou conteúdo no momento de estabelecer categorias. Um podcast em formato de entrevistas pode ter como objetivo informar seus ouvintes, por exemplo. Ou um podcast de relato pessoal pode ter uma estrutura narrativa, já que conta uma história.

Neste sentido, o podcast foi escolhido para disseminar o tema da saúde da mulher, no formato de entrevista justamente com o objetivo de propagação de informação, sendo esta uma das premissas do jornalismo.

² Disponível em: <https://exame.com/pop/brasil-e-o-3o-pais-que-mais-consome-podcast-no-mundo/>. Acesso em 06 jun. 2023.



3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pautas sobre saúde atraíram minha atenção durante toda a graduação, assim como os formatos radiojornalísticos, em particular o podcast que, pessoalmente, é o formato jornalístico que mais consumo. Poder então executar esse projeto, que tem como intenção a promoção de conscientização acerca da temática da saúde da mulher por meio de relatos pessoais e abordagens especializadas, recorrendo ao podcast, tornou-se uma tarefa pouco árdua e com bons resultados.

Acredito que falar sobre esse tema através de um podcast pode ser uma maneira fácil de atingir um maior número de ouvintes. Afinal, o formato está cada vez mais popular por alguns fatores, entre eles o fácil acesso, por meio de smartphones; não ser preciso ler textos ou ver imagens; bem como pela possibilidade de ouvir enquanto se faz outra atividade.

Enxergo também a oportunidade de contribuir com a popularização do tema entre mulheres, principalmente na faixa etária de 20 a 59 anos, que concentra a maior recorrência dessas doenças.

Ademais, acredito que a contribuição das fontes-personagens com seus relatos pessoais acerca de experiências vividas em momentos como descoberta, tratamento e recuperação, poderão suscitar aceitação do público ao produto, podendo promover mais empatia e espelhamento dos ouvintes, o que raramente acontece com informativos e campanhas médicas.

É aqui que a comunicação, no viés jornalístico, pode ser trabalhada de maneira mais efetiva ao usual. É a partir da possibilidade de 'cumprir o seu papel', que almejei a produção desse podcast, como uma oportunidade de oferecer informações que estimulem a decisão de prevenção às doenças citadas.



4.REFERÊNCIAS

ASSIS, Pablo de. Podcasting como ferramenta de distribuição de conteúdos digitais via internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais eletrônicos** [...] Caxias do Sul, 2010. p. 1-10. Disponível em:

<<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2010/resumos/R5-1834-2.pdf>>. Acesso em: 09 jun. 2023.

BOTTON, Andressa; CÚNICO, Sabrina Daiana; STREY, Marlene Neves. Diferenças de gênero no acesso aos serviços de saúde: problematizações necessárias. **Mudanças – Psicologia da Saúde**, São Paulo v. 25, n. 1, p. 67-72, jan./jun. 2017. Disponível em:

<<https://www.metodista.br/revistas/revistasmetodista/index.php/MUD/article/view/7009/5608>> Acesso em: 10 abr. 2023.

CAMPOS, S. O. **Infertilidade e câncer de colo de útero: repercussões na conjugalidade e na parentalidade**. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Educação, Letras, Artes, Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Uberaba, p. 59. 2019. Disponível em: <<http://200.131.62.27/bitstream/123456789/1446/1/Dissert%20Suzana%20O%20Campos.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

DE CARVALHO, Bruno Ramalho. Síndrome dos ovários policísticos: particularidades no manejo da infertilidade. **Feminina**, São Paulo, v. 47, n. 9, p. 540-545, 2018. Disponível em: <

<https://www.febrasgo.org.br/pt/femina/item/866-revista-femina-2019-vol-47-n-9>>. Acesso em: 10 abr. 2023.

FELDMANN, Anna F. **Comunicação, Gênero e Saúde: Uma Análise das Campanhas do Câncer de Mama no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2015.



FERRAZ, Carolina. O QUE É CISGÊNERO – E COMO NÃO CONFUNDIR COM TRANSGÊNERO. **Emerge Mag**, São Paulo, 23 fev. 2024. Artigos e Comportamento. Disponível em: <<https://emergemag.com.br/o-que-e-cisgenero-e-como-nao-confundir-com-transgenero/>>. Acesso em: 07 jun. 2024.

GALVÃO, Loren; DÍAZ, Juan. **Saúde sexual e reprodutiva no Brasil: dilemas e desafios**. São Paulo: Hucitec, 1999.

HEYMANN, Roberto E. et al. Novas diretrizes para o diagnóstico da fibromialgia. **Revista Brasileira de Reumatologia**, São Paulo, v. 57, n. 2, p. S467-S476, 2017. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbr/a/kCdwgDXPSXQMSXn5VKMFB3x/?lang=pt&format=html>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. 2019. Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/29502-em-2019-expectativa-de-vida-era-de-76-6-anos>>. Acesso em: 11 abr. 2023.

IBGE, INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios, 2021.

KUCINSKI, Bernardo. Jornalismo, saúde e cidadania. **Revista Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 4, n. 6, p. 183-188, 2000. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/m7pS6zC8f5h9Lv4TrB9qVYf/?lang=pt#>>. Acesso em: 05 jun. 2023.

LANGBECKER, Andrea. et al. A cobertura jornalística sobre temas de interesse para a Saúde Coletiva brasileira: uma revisão de literatura. **Revista Interface – Comunicação, Saúde Educação**, Botucatu, v. 23, n. 1, p. 1-18, 2018. Disponível em:



<<https://www.scielo.br/j/icse/a/jJ5qXgZZcpLdcpXF5HP84qy/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: 05 jun. 2023.

LEITE, Ana Cristina da Nóbrega Marinho Torres; PAES, Neir Antunes. Direitos femininos no Brasil: um enfoque na saúde materna. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 3, p. 705-714, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=386138045008>>. Acesso em: 09 abr. 2023.

LOPES, Leo. **Podcast: guia básico**. São Paulo: Marsupial, 2015.

OLIVEIRA, M.S. et al. Saúde da mulher na imprensa brasileira: análise da qualidade científica nas revistas semanais. **Revista Interface – Comunicação, Saúde, Educação**, Botucatu, v. 13, n. 30, p. 7-16, 2009. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/icse/a/YBbTLVBHCTpTr85QH5DfHhj/?lang=pt&format=pdf>>.

Acesso em: 05 jun. 2023.

PADILHA, Luis David Falcão. As características sonoras do Podcast O Assunto frente à estética radiofônica. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO – INTERCOM, 43., 2020, Santa Catarina. **Anais eletrônicos** [...] Santa Catarina, 2020. p. 1-15. Disponível em: <<https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2020/resumos/R15-2481-1.pdf>>.

Acesso em: 09 jun. 2023.

TRINCA, Mayra Deltreggia; FIGUEIREDO, Simone Pallone de. Formatos de Podcasts: uma nova proposta de classificação baseada em estruturas. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO - INTERCOM, 45., 2022, Paraíba. **Anais eletrônicos** [...] Paraíba, 2022, p. 1-11. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/<https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0805202217352562ed7f0dc794c.pdf>> Acesso em: 07

jun. 2024.

VILA, Ana Carolina Dias; VANDENBERGHE, Luc; SILVEIRA, Nusa de Almeida. A vivência de infertilidade e endometriose: pontos de atenção para profissionais de



saúde. **Psicologia, Saúde e Doenças**, Lisboa, v. 11, n. 2, p. 219-228, 2010.

Disponível em:

<<https://www.redalyc.org/pdf/362/36219023004.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2023.



APÊNDICES

I - Episódios disponíveis no link:

<https://open.spotify.com/show/0HwiV2f6jqGCQ16JySnRf0>

II – Roteiros disponíveis no link:

<https://drive.google.com/drive/u/1/folders/1zGwSjxTwf8KutXSaV6cJ2jnJ43KOz8zH>

III - Imagens de capa:

